

*Demonstra-se a necessidade de se pensar também semioticamente a noção de informação, através do argumento básico de que toda a informação a que temos acesso é necessariamente veiculada através de signos em três modos, a que chamamos de primeiridade, secundidade e terceiridade, as três categorias da experiência de acordo com C. S. Peirce. Conclui-se que, do ponto de vista semiótico, a informação somente se constitui a partir de sua inserção, por um sujeito, no processo de semiose.*

Estar vivo é computar. Com efeito, qualquer ser vivo deve, pelo mero fato de estar vivo e de pretender sobreviver, processar informação que lhe advém do meio ambiente. As maneiras como isso se dá são, naturalmente, objetos de teorias diversas. Parece, entretanto, assente - ou, pelo menos, plausível - que cada espécie age, numa *LebensWelt* comum a várias delas, de acordo com a sua própria "visão" desse ambiente circundante. Esse mundo interiorizado (*InnenWelt*, de acordo com o biólogo Jakob von Uexkühl) é resultado das impressões que o mundo exterior faz no aparato cognitivo da espécie e constitui uma espécie de mapeamento, ou uma "chave" de decodificação da informação externa, peculiar àquela espécie, confirmando o antigo adágio latino, *agere secundum esse*, isto é, 'agir conforme o ser'<sup>2</sup>.

É evidente que o *homo sapiens* possui um mapeamento semelhante, mas é dono de algo mais, exatamente aquilo que distingue a espécie dentre as demais: a capacidade de generalizar e, com isso, prever. Essa seria a capacidade que o filósofo chamaria de *cogito*, isto é, a reflexão<sup>3</sup>. Poderíamos, contudo, chamar essa habilidade de "processamento de signos", já que não seria difícil demonstrar, como Peirce o faz, que não se pode pensar sem signos, qualquer que seja a natureza deles<sup>4</sup>. Em outras

1 Professor de Smiotica do Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2 Sobre esse assunto, remeto o leitor a DEELY (1990)

3 Ver, a esse respeito, a pertinente discussão de MORIN (1983)



"Um signo, ou representâmen, é algo que está no lugar de algo para alguém, em algum aspecto ou capacidade. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente daquela pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo criado chamo de interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto."<sup>5</sup>

Um aspecto importante nessa caracterização talvez não esteja tão evidente à primeira vista: a recursividade implícita na caracterização do interpretante como signo. Se o signo cria um interpretante ao se referir a um objeto, e se o interpretante criado é também um signo, este interpretante deve criar um outro interpretante numa relação em que o primeiro signo-interpretante vai se referir ao primeiro signo como seu objeto, e assim por diante, criando uma cadeia infinita em que cada signo vai se referir ao anterior como seu objeto e criar um signo posterior como seu interpretante. Vale dizer que os signos são objetos e os objetos são signos. Está aí mais uma forma de se mostrar que o objeto não é a coisa, mas a coisa significada.

Há algo mais que merece um pouco de atenção: é a frase "em algum aspecto ou capacidade". Isso quer dizer, entre outras coisas, que nenhum signo consegue representar seu objeto integralmente, mas fá-lo em apenas um ou alguns de seus aspectos. Em outras palavras, qualquer objeto pressupõe uma constelação de signos que a ele se referem. Como os objetos são também signos, vários objetos se referem a outros objetos, criando uma teia de significação em que se cruzam, em todas as direções, signos, objetos e interpretantes. Pegue-se, por exemplo, uma definição de dicionário: define-se uma palavra em termos de outras palavras e cada vocábulo na definição pode também ser definido por uma definição que lhe diz respeito, e assim por diante.

Um terceiro aspecto da caracterização acima é a dinâmica do processo. Em outras palavras, o sentido não é algo que é dado e nunca é uma relação estática (isso é aquilo), mas é, sim, algo que é constantemente produzido a partir de algo que foi produzido a partir de algo. A importância do terceiro termo da relação fica, assim, evidente. O interpretante é responsável pelo deslizamento do sentido no processo de sua produção. Esse processo recebe o nome de *semiose*.

A semiose faz desta Semiótica uma lógica ternária, isto é, uma forma de pensar que está assentada na noção de tríade, ou de relação triádica. A determinação da forma dessa Lógica deu-se, para Peirce, a partir da noção de mediação entre um sujeito e um objeto através de um signo do objeto. Entretanto, é necessário pensar de que maneira se dá a percepção/intelecção ou, talvez mais adequadamente, a compreensão do objeto através do signo. Para isso, Peirce propõe as noções de primeiridade, secundidade e terciridade que, para ele, são as três categorias da experiência.

---

<sup>5</sup> PEIRCE, CP 2.228. A tradução é minha. Tradicionalment, em estudos de Smiótica, a referência aos *Collected Papers* é feita com a sigla CP, seguida do número do volume e do número do parágrafo, separados por um ponto.





de terceiridade) vai mediar entre o sujeito e o objeto, entre um eu e um ele. O tu é um signo (na medida em que ele, coisalmente, é um Outro, um ele), uma abstração.

Esse é o caráter da terceiridade: o da representação mediadora (não seria o *tu* uma espécie de embaixador do mundo das coisas, alguém com quem eu falo a respeito dos objetos, ele também um objeto que está fora de mim? No entanto, paradoxalmente, o tu está muito mais distante dos objetos, na medida em que ele é apenas um conceito). A terceiridade é sinônima da idéia de signo: X significa Y para Z (ou em I, por causa de I, através de I, por I, a fim de I, etc.), uma relação triádica. E o que é significar? Ou, o que é o signo? O que ele faz?

Significar é generalizar, é afastar-se mais do mundo das coisas. É ganhar em poder explanatório e perder a singularidade das coisas. Assim, o signo *peixe* evoca (refere-se a) um objeto abstrato, a idéia de peixe (que é uma generalização a respeito de todos os seres que têm características que os sujeitos consideram análogas). A idéia de peixe, um conceito abstrato, permite que eu chame um surubi, um tubarão, uma barracuda, um bagre e um peixinho de aquário todos pelo mesmo nome genérico, que não evidencia a singularidade de um indivíduo qualquer, mas que o generaliza. Pode-se dizer, portanto, que um signo não capta as singularidades dos indivíduos, quer dizer, um signo não é extenso (já que a singularidade permite a pluralização, a extensão). Ele é, ao contrário, intenso e restritor em sua capacidade de generalizar.<sup>7</sup> Ele restringe porque, ao generalizar sobre os indivíduos que ele designa, ele efetua um corte no *continuum* informacional e delimita aquele grupo de indivíduos em contradistinção a outros. Assim, o signo *peixe* refere-se tão somente ao objeto 'peixe' (vale dizer, um conceito de peixe, portanto, um outro signo) e, ao fazer isso, exclui todos os outros animais.

Estamos vendo aqui duas faces de um processo. A primeira é a informação que nos vem no signo - sempre incompleta, sempre mais ou menos intensa ou extensa, isto é, sempre mais ou menos vaga, e, o que é mais importante, sempre em movimento, em um constante tornar-se. Isso equivale a dizer que o que quer que chamemos de qualidade da informação deverá levar em conta, sempre, a sua necessária vagueza e a sua dinamicidade. A outra face é a maneira pela qual nos apercebemos dessa informação, maneira também imprecisa e parcial. Nunca percebemos o signo de maneira cabal, porque ele, para fazer um trocadilho, não signi-fica, ele signi-vai. A rigor, e em última análise, a informação que buscamos (e nós mesmos, aliás) nunca fica lá paradinha, à nossa espera (apesar de acharmos que basta documentar, gravar, ou

---

7 Esses dois conceitos, o de intenso e o de extenso, baseiam-se na distinção efetuada por Peirce, em seus escritos, entre *breadth e depth* (respectivamente, amplitude e profundidade), ao discutir a vagueza dos signos.



+  
+  
+  
+ registrar essa informação para congelá-la, isto é, deter seu movimento de produção de sentido).

+  
+ Daí, o fato de não termos acesso ao mundo das coisas a não ser através de sua objetificação em signos ser, ao mesmo tempo, uma limitação da nossa espécie e a sua grande vantagem: é apenas por meio da manipulação dessas abstrações e dessas virtualidades - dessa informação - que a espécie consegue alterar sua realidade.

+  
+ *Semiotic and information*

+  
+ *Attempts to demonstrate that it is necessary to consider the notion of information semiotically. It is argued that every piece of information to which we have access is necessarily mediated through signs in three modes, which we call firstness, secondness, and thirdness; that is, the three categories of experience, according to C. S. Peirce. One conclusion is that, from a semiotic instance, information is constituted only upon its insertion in the process of semiosis by a subject.*

92

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEELY, John. **Semiótica básica**. Trad. Julio Pinto. São Paulo: Ática, 1990.
2. MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Sintra: Europa-América, 1983.
3. PEIRCE, Charles S. *Collected papers*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1935-1958. 8v.
4. PINTO, Julio. **The reading of time: a semantic-semiotic approach**. Berlim, New York: Mouton De Gruyter, 1989.
5. ————. 1, 2, 3 da Semiótica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.